

FATORES AMBIENTAIS, CLASSE SOCIAL E REALIZAÇÃO ESCOLAR NA MARGINALIZAÇÃO CULTURAL

ANA MARIA POPPOVIC

2314

Serão considerados marginalizados culturais os alunos nascidos de famílias pobres, que produzem alta incidência de fracassos escolares, tendendo a perpetuar nos filhos sua própria condição, devido, em parte, a fatores ambientais decorrentes de sua formação cultural.

Inúmeras pesquisas mostram a grande correlação existente entre nível sócio-econômico baixo e fracasso e/ou evasão escolar. Não há mais dúvidas sobre a influência que a falta de alimentação, a doença crônica e outros fatores, diretamente provenientes da dificuldade de satisfação de necessidades básicas, exercem sobre o rendimento escolar do aluno. Pouco se tem pesquisado, porém, sobre os fatores ambientais decorrentes do nível sócio-econômico baixo, responsáveis por alguns dos padrões da cultura da pobreza, que incidem nas deficiências e fracassos escolares.

Este trabalho — parte de um estudo mais amplo sobre o assunto — pretende analisar alguns desses fatores ambientais, mostrando seu grau de relacionamento e sua importância relativa sobre a atuação do aluno.

A partir destes resultados, algumas conclusões poderão ser deduzidas pelos responsáveis mais diretos pelos estudantes na escola, com a finalidade de atenuar o efeito negativo de tais fatores ambientais.

Amostra

Foram incluídos no estudo todos os alunos da 4.ª série ginásial de uma escola pública da cidade de São Paulo, que, devido a

condições especiais, formavam um grupo bem heterogêneo do ponto de vista de nível sócio-econômico. O grupo era composto de 112 alunos, sendo 67 do sexo masculino, 45 do feminino, com amplitude de 14 a 17 anos e idade média de 14 anos e 11 meses, no início do ano letivo.

Para determinar a estratificação social, foi usado um índice, composto de quatro níveis, elaborado a partir de três indicadores:

— A escala de “Hierarquia de Prestígio Ocupacional” (Hutchinson, 1961), modificada pela equipe do C.R.P.E. (Dias, 1967).

— O grau de escolaridade do pai, diferenciado em sete níveis.

— A renda familiar, subtraindo-se uma quantia fixa por cada filho ou dependente. Os quatro níveis de estratificação social foram obtidos a partir de uma somatória simples destes três indicadores para cada indivíduo.

Vale a pena dizer que esta amostra não pretende ser representativa de qualquer universo, servindo apenas para levantar hipóteses. Especialmente no que se refere ao estudo da marginalização cultural, o terem esses jovens atingido e freqüentado a escola secundária, os desclassifica, teoricamente, como marginalizados, em nosso meio. Representam, no entanto, grupos extremos que servem para comparar tendências que certamente aparecerão com maior intensidade no estudo de populações verdadeiramente marginalizadas.

Variáveis Analisadas

Para o estudo estatístico a ser realizado, foi considerada variável dependente, ou critério, a medida da realização escolar dos alunos, que passará a ser mencionada como R. E. Esta foi formada pela média de todas as disciplinas, a saber: Português, Matemática, Estudos Sociais, Ciências e Inglês.

Como variáveis independentes, foram incluídos oito fatores ambientais que, num processo prévio de correlação (r de Pearson), se haviam mostrado significantes, a nível de 0,01, com o nível sócio-econômico. Esses fatores foram selecionados, por possuírem viabilidade teórica de serem explicados como decorrentes de um ambiente culturalmente marginalizado e, paralelamente, como influentes na realização escolar do aluno. São os seguintes:

1) Densidade habitacional

Para estudar este fator, foi estabelecido um índice resultante da divisão do número de cômodos pelo número de habitantes. Parece razoável supor que o simples espaço físico necessário para ter um lugar onde fazer as lições, guardar ordenadamente o material escolar e garantir uma continuidade de tempo de trabalho sem maiores interrupções, seja um fator importante relacionado com o sucesso escolar. Além disto, afirmam autores como Hunt (1964) e Asbell (1965), que as condições pobres de moradia com grande número de pessoas, incide de maneira perigosa na criança, pela formação do hábito da **desatenção**, estratégia usada para poder fugir aos problemas da vida cotidiana barulhenta e, muitas vezes, cruel. Se, por um lado, este hábito protege, também se mostra grandemente prejudicial à atuação escolar desses alunos.

2) Trabalhar Logo

Este fator reflete a manifestação do desejo dos alunos em querer trabalhar logo após a conclusão do curso ginásial. Foi obtido através de um questionário onde lhes foram colocadas opções sobre o que gostariam de fa-

zer uma vez terminado o ginásio. Considerou-se este fator num sentido motivacional, relacionando-se aspirações mais baixas com menor motivação para o estudo, decorrendo disto menor rendimento.

3) Freqüência às reuniões

A escolha deste critério permitiu verificar um aspecto da participação dos pais na educação dos filhos. A escola empenhava-se, ativamente, em obter a freqüência dos pais às reuniões, insistindo nela através de avisos e recomendações. A avaliação do aluno, em cada bimestre, era entregue nessas ocasiões, constituindo-se numa das emulações usadas para conseguir a presença.

Considerou-se que uma atitude interessada dos pais, refletida na sua participação na vida escolar do filho, poderia ser um fator de importância atuando no seu rendimento. Foi feito o levantamento dos comparecimentos às reuniões bimestrais, acrescentando-se um ponto quando o pai (e não somente a mãe) também era participante.

4) Atitude em relação às tarefas escolares

Neste fator também foi considerada a importância de uma atitude interessada dos pais em relação às atividades escolares dos alunos, como capaz de influir na sua atuação como estudante. Para organizar esta medida, foi composta uma escala de pontos baseada nas respostas do aluno às questões "Seus pais se interessam pelo que você está estudando?... Como?..." As respostas foram ordenadas em cinco níveis, que expressam, gradativamente: falta de interesse, passividade, interesse puramente verbal, ação interessada e participação plena.

5) Atitude Autoritária

A inclusão deste fator prendeu-se aos argumentos de Riessman (1962), Lawton (1970) e Langner (1968), de acordo com os quais as classes desfavorecidas possuem padrões educacionais mais tradicionais e autoritários em

comparação com os da classe média, e estes padrões tendem a criar nos filhos atitudes mais rígidas, inibidoras da sua curiosidade intelectual. Para estudar este aspecto, foram levadas em consideração as escolhas, pelas mães, de afirmações que evidenciavam posições de autoritarismo em relação à orientação educacional adotada pela escola.

6) Interação Verbal

As mais recentes pesquisas sobre marginalização cultural (Deutsch, 1967 — Bernstein, 1968) relacionam claramente estrutura social, planejamento verbal, linguagem e capacidade de aprendizagem. Devido à grande importância do processo simbólico da linguagem em todos os níveis de aprendizagem é permissível supor seja esta a área mais sensível ao impacto da multiplicidade de problemas associados com a pobreza de estimulação encontrada nas camadas mais desfavorecidas da população.

Foi possível verificar a interação verbal dos adolescentes da amostra, pela análise de seu comportamento, sob este aspecto, na hora das refeições, mais explicitamente, durante o jantar, um dos poucos momentos existentes de reunião familiar. Foram feitas cinco perguntas ao aluno, visando a saber com quem jantava, se viam TV durante a refeição, qual sua participação na conversa e qual a atitude reativa dos adultos às suas perguntas.

7) Atividades Familiares aos Domingos

A suposição, ao organizar este item, foi a de que saídas familiares trazem um contato que se traduz em interação verbal ou em exposição do adolescente ao diálogo de adultos, além de proporcionar, em maior ou menor grau, novas experiências e conhecimentos.

Os alunos foram classificados em dois grupos: aqueles cujas famílias ficavam em casa, viam TV ou iam somente à igreja de manhã, e aqueles que incluíam, como atividades, idas ao clube, viagens ou passeios, visitas a familiares ou amigos.

8) Ambiente de Leitura

Este fator foi incluído, por acreditar-se que o hábito de ler e a presença de livros em casa favorece o bom rendimento escolar. Pode-se até mesmo supor que a mera presença de livros, ainda que não utilizados, criará uma familiaridade, por parte do estudante, com a instrumentação que deve manipular na sala de aula.

Este fator foi pesquisado através de perguntas referentes à leitura, ou não, de jornais e revistas e ao tipo de ambos; se jornais ou revistas de "ver" ou de "ler". Foi também pesquisada a variedade de tipos de livros existentes na casa e disponíveis ao aluno.

Metodologia

Os cálculos estatísticos usados neste trabalho (processados eletronicamente) são correlação (r de Pearson) e regressão múltipla com introdução de um preditor por passos sucessivos. Esta última técnica é interessante, pois possibilita observar todas as variáveis independentes ao mesmo tempo, de modo que permite considerar suas interrelações e, concomitantemente, suas capacidades de predição sobre a variável dependente. Pode-se verificar, através deste método, em quanto cada variável melhora a predição da variável dependente, esclarecendo assim, também, suas relações com as outras variáveis independentes.

Os elementos dessa análise, que apresentam interesse para citação no presente caso, são:

R . Mult. = Coeficiente de correlação múltipla, ou seja, o índice de correlação entre a variável dependente e todas as variáveis independentes;

R_2 Mult. = Quadrado do R . Mult.; traduz em porcentagens, quanto da variância da variável dependente é explicado pelas variáveis independentes que entram sucessivamente na correlação;

F = Nível de significância do R . Mult.;

β = Peso relativo com que cada variável independente contribuiu para a correlação.

Resultados

Já foi dito que os oito fatores ambientais — variáveis independentes — submetidos ao cálculo de correlação, apresentaram resultados positivos, com nível de significância de

0,01, mostrando a sua ligação com nível sócio-econômico. Feita a análise dos mesmos fatores com Realização Escolar, através do cálculo de regressão múltipla, obtiveram-se os seguintes resultados:

RESULTADOS DA CORRELAÇÃO MÚLTIPLA TENDO-SE R. E. COMO VARIÁVEL DEPENDENTE

Variáveis independentes por ordem de entrada	R. Mult. a cada passo	R ₂ Mult.	F	β
Atitude tarefas escolares	0,40	16%	20,33	0,16
Frequência às reuniões	0,43	19%	12,49	0,17
Trabalhar logo	0,46	21%	9,49	0,15
Interação verbal	0,46	21%	7,20	0,06
Condições habitacionais	0,46	21%	5,72	— 0,03
Atitude autoritária	0,46	21%	4,73	0,02
Ambiente de leitura	0,46	21%	4,02	0,01
Atividades aos domingos	0,46	21%	3,48	— 0,10
Variável dependente R. E.	0,46	21%	3,48 **	

** Significante a nível de 0,01.

Analisando-se o quadro acima verifica-se que o R. Mult. é 0,46, significativa a nível de 0,01, o que mostra a importância da atuação destes fatores sobre a produção escolar dos alunos. Nas colunas β e R Mult., percebe-se que os três fatores que contribuíram para a correlação e para um aumento progressivo das porcentagens (R₂ Mult.) foram, pela ordem de seus pesos relativos: “Frequência às reuniões”, “Atitude em relação às tarefas escolares” e “Trabalhar logo”.

Os dois primeiros referem-se, especificamente, à atitude que os pais adotam em relação à escolaridade dos filhos. O primeiro mostra a importância da presença e do contato da família com a escola. Verdade é que não se pode afirmar que os pais frequentam as reuniões por estarem interessados na realização escolar de seus filhos, ou que o frequentarem a escola faz com que seu interesse por esta realização venha a existir. O que permanece, no entanto, é a importância objetiva deste contato, trazendo como corolário uma melhor realização nas atividades acadêmicas dos alunos.

O segundo fator, “Atitude em relação às tarefas escolares” transmite especificamente o grau de interesse e participação dos pais no âmbito do lar. Levando-se em conta a faixa etária da presente amostra — alunos da última série do ginásio — este achado adquire um significado diferente. Mesmo na época da adolescência, em que se pressupõe uma procura de independência e uma afirmação de auto-suficiência, a participação dos pais nas tarefas escolares aparece como um dos fatores fundamentais influenciando o nível da produção escolar. Este aspecto adquire mais interesse quando entram em consideração os alunos de nível social baixo que conseguiram chegar ao nível ginásial. Para eles, a situação se agrava por não possuírem os pais nível educacional sequer equivalente ao seu, não tendo, portanto, elementos para dar-lhes o apoio de que os seus colegas de nível médio gozam. Mesmo que haja por parte dos pais um difuso desejo de participação em relação aos estudos, eles tendem a ficar retraídos, devido a atuação do senso crítico que torna evidente sua ignorância perante os

filhos. Este aspecto, acrescido à falta de parâmetros que estes pais têm para avaliar os efeitos da educação a longo prazo, podem trazer à tona considerações de que o filho poderia lucrar mais trabalhando, aprendendo um ofício, preparando-se “realmente” para a vida. Este julgamento, quando assimilado pelo aluno, traz uma explicação de origem cultural, para o terceiro fator ambiental a influir na correlação com R. E.: a manifestação do desejo de trabalhar logo após o término do ginásio, associado com menor rendimento na escola.

Outro fator que pode explicar esta relação é a associação que o adolescente faz (critériosamente) entre dinheiro e independência, incidindo em sua atitude para com os estudos. Se percebesse que a escola estava servindo para prepará-lo para um adequado ganha-pão, provavelmente estudaria melhor. Se o que a escola lhe fornece não lhe mostra vantagens quanto a um possível emprego imediato que lhe traria a “independência” desejada, provavelmente optará pela obtenção desta última. No caso, os alunos de extração social baixa, não poderiam mesmo ver a escola como meio de preparo profissional uma vez que esta não o fornece, apresentando-se a eles como tedioso acúmulo de conhecimentos a assimilar, sem relação alguma com sua necessidade de independência. Já os alunos de maiores recursos, e com pais de alto nível educacional, além de possuírem meios materiais que lhes permitem maiores “demonstrações” de independência, encaram a continuação do curso ginásial como parte do caminho que necessariamente devem percorrer, para atingir, no final, uma parcela mais compensadora dessa independência.

Conclusão e Implicações

Numa tentativa de especulação mais geral, poder-se-iam classificar esses fatores de maneira inclusiva, em três categorias:

- Aspectos de moradia onde ficaria o fator “Densidade habitacional”;

- Aspectos culturais incluindo “Ambiente de leitura”, “Interação verbal” e “Atividades familiares aos domingos”;
- Aspectos educacionais que seriam “Frequência às reuniões”, “Atitude em relação às tarefas escolares”, “Atitude autoritária” e “Trabalhar logo”.

Aceita esta classificação, é interessante notar que, dos oito fatores ambientais estudados, os três que apresentaram maior importância na sua relação com realização escolar, são aspectos educacionais ligados à escola. Isto adquire algum relevo, quando se pensa em alunos culturalmente marginalizados, uma vez que as possibilidades de ação em outro âmbito que não a escola são praticamente inexistentes ou impotentes. Deve-se convir que tentar obter melhor rendimento escolar trabalhando para a modificação de um estado de coisas no lar — tais como densidade habitacional, nível de linguagem e, até mesmo, tipos de jornais ou revistas lidos — assevera-se completamente utópico, principalmente no caso de adolescentes.

Na verdade, qualquer tipo de recomendação mais específica à escola não deixará de ser irrealista, levando-se em consideração a situação atual do sistema educacional e o desconhecimento que se tem do problema do aluno marginalizado cultural em nosso meio. Sabe-se que nenhuma escola, por mais perfeita que seja, poderá corrigir situações econômicas e mudar padrões culturais, no entanto, no caso do rendimento escolar do aluno, a escola não pode eximir-se de certa responsabilidade.

Não se pode pretender que este trabalho apresente conclusões gerais ou diretivas de ação para a escola, por ser seu escopo limitado às poucas variáveis que foram estudadas. Pode-se, no entanto, chegar a uma recomendação que permeará qualquer medida a ser tomada, em cada situação escolar específica, tanto pelos planejadores dos sistemas educacionais como, principalmente, pelos seus executores — os professores.

Trata-se da necessidade de tomar consciência de que existe uma parcela respeitável

da população escolar que, por força de condições econômicas precárias, possui determinados padrões culturais que se refletem na sua atuação na escola. O termo "consciência" foi preferido propositalmente ao termo mais usual "conhecimento", por julgar-se que o problema fundamental reside na atitude, que os professores destes alunos devem ter, para capacitar-se que estão lidando com o produto de uma cultura diferente da sub-cultura de classe média cujos valores os próprios professores representam. Atitudes, aspirações, hábitos de vida e motivações, enraizados como padrões culturais dos professores, podem diferir fundamentalmente dos de seus alunos e famílias.

Um sistema educacional, um currículo, uma metodologia, uma tarefa escolar e mesmo uma ordem do dia de uma reunião de pais, que venham carregados de padrões culturais estranhos e não satisfatórios para a sub-cultura a que se destinam, não podem atingir os alvos desejados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASBELL, B. — «The new improved America» — Mc Graw-Hill, N. Y., 1965.
- BERNSTEIN, B. — «A socio-linguistic approach to socialization with some reference to educability», In «Directions in socio-linguistics», Gumpers J., Hymes D., (ed.), Holt, Rinehart and Winston, N. Y., 1968.
- DEUTSCH, M., et al. — «The disadvantaged child», Basic Books Inc., N. Y., 1967.
- HUNT, J.; Mc V. — «The psychological basis for using pre-school enrichment as an antidote for cultural deprivation», The Merrill-Palmer Quarterly, 10:3, 1964.
- LANGNER, T. S. — «Socio-economic status and personality characteristics» in Roberts J. I. (ed.) — «School Children in the Urban Slum», The Free Press, N. Y., 1968.
- LAWTON, D. — «Social class, language and education» — Routledge and Kegan Paul, Londres, 1970.
- RIESSMAN, F. — «The culturally deprived child» — Harper and Row, N. Y., 1962.